

Nosso Mundo

BÊNÇÃO OU MALDIÇÃO?

ENTREVISTA Para o Nobel de Economia **Edmund Phelps**, a riqueza em recursos naturais pode atrapalhar mais que ajudar um país

A DANIEL PINHEIRO

Quem festeja a descoberta das grandes reservas de petróleo na camada pré-sal feita pela Petrobras nos últimos dois anos pode ficar surpreso ao ouvir a expressão “maldição dos recursos naturais” dita por Edmund Phelps, Prêmio Nobel de Economia em 2006, no II Fórum de Comunicação e Sustentabilidade, evento apoiado por *CartaCapital* e realizado nos dias 6 e 7 de maio no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo.

Para o professor da Universidade Colúmbia, a “riqueza abundante” proporcionada pela simples exploração dos recursos naturais de uma nação pode ser contraproducente, em vez de aumentar o desenvolvimento econômico e social. “Basta olhar para Hong Kong para ver que é possível um país se desenvolver perfeitamente sem ter abundância de recursos naturais. O contrário também não é regra, mas é possível notar que alguns que concentram sua atividade econômica na produção de *commodities* sofrem bastante com a falta de inovação e são deixados para trás.”

Inovação é a palavra-chave em muitas das respostas concedidas por Phelps nesta entrevista. Segundo o economista, uma das principais razões da atual crise econômica mundial é a queda gradual, mas constante, do dinamismo que a economia americana vem registrando desde meados de 1990. “São claros os sinais de que a máquina de inovação dos EUA está perdendo força.” Crítico do Plano Obama de recuperação da economia, Phelps acredita que a solução está mais no estímulo para o surgimento de iniciativas economicamente inovadoras do que no endurecimento excessivo da regulamentação dos mercados financeiros.

CartaCapital: Em sua exposição, o senhor disse que o Brasil é “amaldiçoado” por seus recursos naturais.



RICHARD DREW/AP

Edmund Phelps: Disse que recursos naturais podem trazer riqueza abundante, e podem ter um efeito negativo, de diminuir a ambição necessária para uma sociedade se desenvolver. Neste caso, você tira um elemento importante da equação, a propensão a correr riscos de uma sociedade. Eu acho que o Brasil está em seu caminho para o desenvolvimento e que riquezas naturais são recursos de qualquer maneira e vocês têm de usá-los, mas eu não acredito que essa abundância será crucial para o desenvolvimento do Brasil. Se o país só contar com isso e não tiver, por exemplo, espírito empreendedor e instituições que promovam e estimulem os processos de inovação, os empregos das pessoas serão maçantes e os salários, mais baixos. Economias baseadas em *commodities* tendem a não ser tão inovadoras.

CC: No início do ano, o senhor disse que o Plano Obama não era “coerente o suficiente”. De lá para cá, há algum fato

“ O mercado precisa de novas regras, embora o excesso possa ser prejudicial ”

novo que tenha mudado sua avaliação?

EP: Provavelmente, disse isso pensando haver a opção por projetos de infraestrutura, alguma coisa de redução de impostos também, e, com o acúmulo de sugestões e dificuldade em escolher algumas, deixaram o pro-

cesso na mão dos congressistas. Desde então, surgiram muitos projetos ligados a tecnologias de ponta que não criam nenhum posto de trabalho, uma série de projetos políticos que podem agradar a administradores públicos, mas não terão muito efeito sobre a produtividade do país. Para mim, parece que a surpresa seria se eles agissem de maneira diferente. Muitos recursos estão sendo destinados a projetos de resultado duvidoso, mas até eles entrarem em operação já devemos estar em 2010 e pode ser que as coisas estejam melhores.

CC: Há falta de vontade política da administração Obama?

EP: Um exemplo claro de projeto que

poderia ter sido adotado logo no início do governo Obama é o de conceder subsídio para estimular a contratação de trabalhadores de baixa renda, que só agora começa a ser cogitado. É bom, pois o custo não é alto e faria uma diferença significativa neste mercado, além de ser uma atitude coerente e transparente. Se não funcionar, tudo bem, abandonamos e não perdemos muito dinheiro. Porém, politicamente, daria a impressão de radicalização e os democratas poderiam perder caso o projeto fosse votado logo no início do ano, o que seria péssimo para um governo que tinha acabado de assumir o poder.

CC: Qual é a natureza desta crise?

EP: Esta crise pode e vai ser resolvida, mas, baseados nos dados que temos em mãos, é possível dizer que ela é resultado de uma queda gradual do dinamismo da economia norteamericana. Talvez o mesmo possa se dizer do Reino Unido, mas não das economias da Europa Ocidental, pois elas nunca foram dinâmicas mesmo, não é? (risos) Então, acho que é algo que começou (a crise) em meados dos anos 1990 e durou até meados da década atual, 2005, talvez 2006, e há uma variedade de causas que teriam iniciado este processo, como o declínio do Vale do Silício (região da Califórnia sede de grandes empresas de tecnologia) e a dificuldade de novas empresas passarem a ter para levantar capital.

CC: As lições ensinadas pela crise mostram ser necessário mais regulamentação para o setor financeiro?

EP: Acho que sim. É preciso se proteger de algumas práticas, como a alavancagem excessiva promovida por alguns bancos de investimento nos EUA e no Reino Unido. É preciso também fazer algo em relação às agências de classificação de risco. Há algumas boas regulamentações a serem adotadas e, se elas existissem, muitos dos problemas da crise não teriam ocorrido. Mas, por outro lado, também me preo-

cupa a regulamentação excessiva. Os fundos hedge têm sido alvo fácil e pode parecer não haver função social na constituição de um fundo desses, mas muitos deles criaram condições para que o crédito fosse concedido para empreendedores em busca de inovação, clientes que tradicionalmente são recusados pelas instituições financeiras tradicionais.



“A ideia é controversa, mas o enfraquecimento dos EUA convém ao resto do mundo”

CC: É correto dizer que a crise levará a taxa natural de desemprego nos EUA para um patamar mais elevado que antes? Esse aumento chegará ao Brasil e a outras nações em desenvolvimento?

EP: Nos EUA, a taxa natural deve subir dos usuais 5,5%, que se mantinham desde meados dos anos 1990, antes do boom da internet e da bolha imobiliária, para 6%, talvez 6,5%. Quanto ao Brasil, acho que não há razão para acreditar que a economia vai apresentar agora sinais de declínio em seu dinamismo. Para ser sincero, tenho uma impressão melhor em rela-

ção à América Latina do que eu tinha há cinco ou dez anos. Colômbia, Chile, estão indo bem... Mesmo o México, com todos os problemas trazidos pela proximidade dos EUA, está indo relativamente bem. E o Brasil é o líder desse grupo de economias.

CC: A crise atual é uma oportunidade para os países em desenvolvimento se aproximarem dos países do chamado Primeiro Mundo?

EP: Alguns mercados deixarão de ser explorados pela Europa e pela América do Norte, por conta de dificuldades financeiras, pouca lucratividade e falta de liquidez e pode ser uma chance para uma economia como a brasileira entrar em mercados em que a concorrência seria muito mais acirrada. Eu sempre sustentei a ideia de que, se os EUA fossem enfraquecidos, seria bom para o resto do mundo. Eu sei que é uma posição controversa, mas é bom para outros mercados exportadores. O outro lado da moeda é que uma América fraca investe menos e consome menos, e a demanda mundial seria reduzida de maneira significativa.

CC: O senhor já se mostrou favorável a programas de complementação de renda como o Bolsa Família. É melhor seguir com ele ou apostar mais na educação tecnológica?

EP: Se for para abandonar o Bolsa Família, nunca. Este não seria um avanço, e, sim, um terrível passo atrás. Quanto à educação tecnológica, particularmente prefiro mais pessoas recebendo educação básica. Quando o jovem estiver nessa profissão, e somente a partir desse ponto, tudo bem buscar educação de perfil mais técnico. Melhor é cada vez mais crianças a receber uma educação generalista de mais qualidade nos primeiros anos, que aprendam filosofia, literatura, ciências humanas, idiomas, que recebam um empurrão e um “boa sorte” e sejam deixadas soltas no mundo para promoverem a inovação. ■